

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução: A Cultura enquanto Convite | 9 |
| A Ideia de Europa | 23 |
| Notas | 55 |

É para mim um grande privilégio regressar ao Instituto Nexus; não é a minha primeira visita. Este instituto tornou-se num dos centros do diálogo europeu e transatlântico, um centro de discussão sobre questões que vão muito além do plano político, abrangendo questões filosóficas, estéticas, musicais ou artísticas. Este instituto tem hoje um lugar único no mapa da consciência europeia e fez de Tilburg um *lieu de la mémoire*, para usar uma poderosa expressão francesa corrente, mas também, e sobretudo, um espaço do futuro, um *lieu de l'avenir*. É um verdadeiro privilégio dar a décima Conferência Nexus.

*

Os para-raios têm de estar ligadas à terra. Mesmo as ideias mais abstratas e especulativas têm de estar ancoradas na realidade, na substância das coisas. Que dizer, então, sobre “a ideia de Europa”?

A Europa é feita de cafetarias, de cafés. Estes estendem-se do café lisboeta preferido de Fernando Pessoa

aos cafés de Odessa frequentados pelos *gangsters* de Isaac Babel. Estendem-se dos cafés de Copenhaga, diante dos quais Kierkegaard passava durante as suas pensativas caminhadas, até aos balcões de Palermo. Não há cafés antigos nem característicos em Moscovo, que é já um subúrbio da Ásia. Muito poucos em Inglaterra, depois de uma breve moda durante o século XVIII. Nenhum na América do Norte, excetuando no entreposto francês que é Nova Orleães. Desenhe-se o mapa das cafetarias e teremos uma das marcas essenciais da “ideia de Europa”.

O café é um espaço para encontros amorosos e conspirações, para o debate intelectual e a bisbilhotice, para o *flâneur* e para o poeta ou o metafísico com o seu caderninho. Está aberto a todos, mas ao mesmo tempo é um clube, uma franco-maçonaria de reconhecimento político ou artístico-literário e de presença programática. Uma chávena de café, um copo de vinho, um chá com rum garantem um local onde trabalhar, sonhar, jogar xadrez ou simplesmente manter-se quente durante todo o dia. É o clube do espírito e a posta-restante do sem-abrigo. Na Milão de Stendhal, na Veneza de Casanova, na Paris de Baudelaire, o café dava guarida ao que houvesse de oposição política, de liberalismo clandestino. Na Viena imperial e de entre guerras, três cafés principais providenciavam a ágora, um ponto de eloquência e de rivalidade, de diferentes escolas estéticas e de economia política, de psicanálise e de filosofia. Quem quisesse encontrar-se com Freud ou Karl Kraus, Musil ou Carnap, sabia exatamente em que café procurá-los, a

que *Stammtisch* se devia sentar. Danton e Robespierre encontraram-se pela última vez no Procope. Quando as luzes se apagam na Europa, em agosto de 1914, Jaurès é assassinado num café. Num café de Genebra, Lenine escreve o seu tratado sobre o empiriocriticismo e joga xadrez com Trotsky.

Considere-se as diferenças ontológicas. Um *pub* inglês ou um bar irlandês têm a sua própria aura e mitologias. Que seria a literatura irlandesa sem os bares de Dublin? Em que outro local senão a Museum Tavern poderia o Dr. Watson conhecer Sherlock Holmes? Mas estes espaços não são cafés. Não têm tabuleiros de xadrez nem jornais de acesso gratuito para os clientes. Só muito recentemente o próprio consumo de café se tornou um hábito comum na Grã-Bretanha, e conserva o seu halo italiano. O bar americano desempenha um papel vital na literatura americana e em Eros, no icónico carisma de Scott Fitzgerald e de Humphrey Bogart. A história do *jazz* é inseparável dele. Mas o bar americano é um santuário de meia-luz, frequentemente de obscuridade. É um espaço vibrante de música, amiúde ensurdecadora. A sua sociologia e o seu tecido psicológico estão impregnados de sexualidade, da presença — desejada, sonhada ou efetiva — de mulheres. Ninguém escreve tratados de fenomenologia à mesa de um bar americano (cf. Sartre). As bebidas têm de ser renovadas, se o cliente quer continuar a ser bem-vindo. Há empregados encarregados de expulsar os indesejados. Cada uma destas características define um etos radicalmente diferente do do Café Central, do Deux Magots ou do